



DEPARTAMENTO DE GEO-HISTÓRIA
COORDENAÇÃO DO CURSO DE HISTÓRIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA CULTURAL

MICHELLE MENDES BARRETO

CANÇÕES QUE EMBALAM.
AMORES SÓLIDOS, AMORES LÍQUIDOS,
INFINITOS (ENQUANTO DURAM)

Guarabira – PB
2010

MICHELLE MENDES BARRETO

CANÇÕES QUE EMBALAM.
AMORES SÓLIDOS, AMORES LÍQUIDOS,
INFINITOS (ENQUANTO DURAM)

Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura em História do Centro de
Humanidades/ Universidade Estadual
da Paraíba - UEPB, para obtenção do
Grau de Especialista em História.

Orientadora: Profa. Dra. Marisa Tayra Teruya.

Guarabira – PB
2010

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

B273c

Barreto, Michelle Mendes

Canções que embalam. Amores sólidos, amores líquidos, infinitos (enquanto duram) / Michelle Mendes Barreto. – Guarabira: UEPB, 2010. 46f.

Monografia Especialização (Especialização em História Cultural) – Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Dr. Marisa Tayra Teruya”.

1. Música – Relações Afetivas 2. Pós-
modernidade 3. Amor romântico I.Título.

22.ed. CDD 152.41

MICHELLE MENDES BARRETO

CANÇÕES QUE EMBALAM.

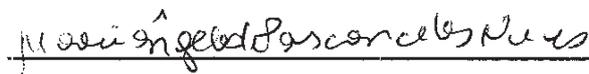
AMORES SÓLIDOS, AMORES LÍQUIDOS, INFINITOS (ENQUANTO DURAM

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de de Especialização em História Cultural da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Especialista em História.

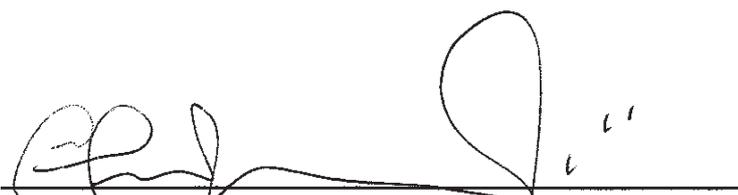
Aprovada em 20/12/2010.



Prof. Dra. Marisa Tayra Teruya / UEPB
Orientadora



Prof. Dra. Mariângela de Vasconcelos Nunes / UEPB
Examinadora



Prof. Ms. Carlos Adriano Ferreira Lima / UEPB
Examinador

*Para
Mainha,
meus irmãos e
Marcus Antonio, meu sobrinho.*

*Por tudo que representam na minha vida,
pelo apoio,
confiança,
dedicação e amor.*

AGRADECIMENTOS

A Deus. Por todas as minhas dificuldades e vitórias.

À minha mãe. Meu pilar e refúgio, que sempre me apoiou e incentivou nas minhas escolhas e decisões;

Aos meus irmãos e meu sobrinho, pela paciência e compreensão.

Ao meu pai (*in memoriam*) que sempre me incentivou a estudar.

Aos meus avós, tios e primos pelo apoio.

Aos meus colegas e amigos de todas as jornadas.

À Profa. Marisa Tayra. Este texto é o resultado de um trabalho de leitura e reflexão, que não teria sido possível sem a sua colaboração, empenho e dedicação, ao aceitar orientar e apostar em pensar sobre amor e música. Foi uma caminhada corajosa, terapêutica e divertida.

A todos os professores que integraram o Curso de Especialização em História Cultural. A iniciativa é valiosa e sinto-me orgulhosa de ter participado da turma pioneira.

Muito obrigada.

RESUMO

Algumas canções integram e marcam musicalmente o cotidiano de apaixonados que almejam um amor delicado, intenso e eterno, definido como o “amor romântico”, mas também, de apaixonados que propõem outro tipo de relação, intenso e “líquido”. Amores que já vêm prontos ou se constroem ao longo de toda uma vida ou amores que vêm prontos e vão embora. Este trabalho busca estabelecer reflexões relacionadas às interconexões entre música e representações de relações afetivas na contemporaneidade. A ideia é pensar como determinados repertórios musicais insinuem, estimulam, e ao mesmo tempo, refletem e vão constituindo comportamentos no campo das relações amorosas. Para tanto, este trabalho está organizado em 3 capítulos: no capítulo 1, intitulado “Música, Mídia e Construção dos sujeitos”, exponho questões relacionadas à circulação da música na mídia e como operam na constituição das identidades dos sujeitos. No capítulo 2, “O amor é para sempre: raio de luz e eclipse” trata das canções que cantam o amor romântico e o terceiro capítulo, “O amor não discute, vai embora”, apresenta as novas formas de amor, nestes tempos pós-modernos. Entendemos que cada época possui suas modalidades de amor e de relacionamentos e o modo como os costumes e hábitos são produzidos na e pela cultura, perpassam décadas e séculos, acabando por naturalizar o que é uma construção histórica, lembrando que os hábitos e costumes atuais não invalidam nem são superiores aos de períodos anteriores e, sim, se constroem, se produzem e se reproduzem de forma processual na cultura.

Palavras-chave:

Relações afetivas; Pós-modernidade, Amor romântico; Amor líquido.

SUMÁRIO

Introdução 10

Capítulo 1- Música, mídia e a construção dos sujeitos 14

Capítulo 2. Amor pra vida inteira: raio de sol e eclipse 20

Capítulo 3. O amor não discute, vai embora 29

Considerações 42

Referências Bibliográficas 46

Sou um evadido.
Logo que nasci
Fecharam-me em mim,
Ah, mas eu fugi.

Se a gente se cansa
Do mesmo lugar,
Do mesmo ser
Por que não se cansar?

Minha alma procura-me
Mas eu ando a monte,
Oxalá que ela
Nunca me encontre.

Ser um é cadeia,
Ser eu é não ser.
Viverei fugindo
Mas vivo a valer.

(Fernando Pessoa)

Introdução

É na natureza social e pessoal das relações que o ser humano constrói os significados simbólicos que norteiam o seu estar no mundo. A música, sendo uma construção humana, faz parte da vida dos sujeitos retratando alegrias, dores, desabafos, decepções entre outros sentimentos.

Este trabalho busca estabelecer reflexões relacionadas às interconexões entre música e representações de relações afetivas na contemporaneidade. A idéia é pensar como determinados repertórios musicais insinuam, estimulam, e ao mesmo tempo, refletem e vão constituindo comportamentos no campo das relações amorosas.

Algumas canções integram e marcam musicalmente o cotidiano de apaixonados que almejam um amor delicado, intenso e eterno, definido como o “amor romântico”, mas também, de apaixonados que propõem outro tipo de relação, intenso e “líquido”. Amores que já vêm prontos ou se constroem ao longo de toda uma vida ou amores que vêm prontos e vão embora.

Para a maioria das pessoas, a música faz parte do cotidiano de forma integral. Crescemos ouvindo música, associamos vários momentos de nossas vidas a determinadas músicas. É como se a vida das pessoas, possúsem uma trilha sonora acoplada à memória auto-biográfica, que por sua vez, é acionada toda vez que a música é tocada.

Hargreaves (2004, p.1), investiga como os indivíduos contam suas histórias a partir de um referencial musical e como estas músicas influenciam o comportamento e situações da vida cotidiana¹. Além disso, a música também serve como pista para localização do sujeito dentro de um contexto cultural ao mesmo tempo em que oferece pistas e referencial para o indivíduo posicionar-

¹ É por isso que determinados ambientes são guiados por determinados gêneros musicais. A música da academia estimula uma ação, a dos consultórios médicos relaxam, a de algumas lojas refletem uma determinada identidade, enfim, a música reflete e influencia reações.

se dentro da cultura, tornando visível, por exemplo, sua origem étnica, seu gênero sexual e sua classe social.

As canções influenciam pessoas, umas mais, outras menos, insinuando maneiras de se portar, de se vestir, de querer, de sonhar, de protestar, e assim, também refletem e influenciam as formas de se relacionar e amar. Estimulam sonhos, vontades, empurram para a ação e ao mesmo tempo, oferecem possibilidades de fugas do cotidiano. Da mesma forma que marcam o compasso das vidas individuais, marcam o compasso da vida coletiva.

As músicas dão pistas sobre os sujeitos que as consomem, informando sobre estilos de vida, modas, sentimentos. Assim, podemos afirmar que a audição de músicas está associada a determinados grupos de consumo e a determinados perfis identitários? O cotidiano vivido das pessoas e seus hábitos refletem questões relacionadas a determinados comportamentos?

Nesta perspectiva, o sujeito deve ser analisado como imerso e envolvido numa teia de relações presentes na realidade histórica preñe de significações culturais (Souza, 2009, p.07) e seu aprendizado de mundo se dá num contexto complexo, a partir de experiências realizadas e sentidas no mundo.

Segundo Souza (2009, p.12), as investigações sobre o cotidiano como um espaço moral e social, o apresentam como

um lugar onde se constroem, em detalhes, as relações com os outros, no qual se constitui o “mundo vivido” e onde o patrimônio comum da humanidade é criado e sustentado (...) Também presume que é através das ações e interações que se fazem as continuidades das experiências.

Neste cotidiano, a socialização é mais poderosa quando opera por captura, sedução e condicionamento, proporcionando prazer e descontração ao sujeito que compartilha, no caso, de um determinado produto musical. A música faz esta trajetória de acompanhamento. A música que se ouve chega através da mídia sonora, e compõe a trilha sonora da vida de uma grande parte da população, nos locais públicos, no carro, no ambiente de trabalho.

Toda a musicalidade individual se junta a uma intensa produção de sons que caracteriza o país. A identidade dos sujeitos estaria associada à identidade nacional? Segundo Marcos Napolitano, quando se trata de música:

O Brasil é, sem dúvida, uma das grandes usinas sonoras do planeta e um lugar privilegiado não apenas para ouvir música, mas também para pensar a música. Tem sido a intérprete de utopias sociais; canta o futebol, o amor, a dor, um cantinho e um violão.²

Partindo destas premissas, entendo a música como um elemento pedagógico, instrutor de comportamentos e crenças e fornecedor de pistas acerca de padrões de consumo dos seus ouvintes.

Neste trabalho, busco estabelecer algumas provocações relacionadas às formas de amar na pós-modernidade³, entendendo que ainda que nos situamos num contexto novo de sociabilidades, que Bauman chama de “líquido”, dado a sua fluidez e impermanência, também carregamos velhas expectativas e esperanças de realização de um amor pleno, eterno, único, identificado como o amor romântico que caracteriza a modernidade ocidental.

Estes amores serão iluminados a partir da música veiculada na mídia, que atua no processo de circulação dos sentidos e de valores simbólicos dos seus públicos consumidores, mobilizando fortemente a construção das identidades individuais e grupais, compondo o fundo de cenas que constroem e desconstroem permanentemente a vida cotidiana, influenciam na manifestação de comportamentos, insinuam modelos coletivos de comportamento, e se tornam, assim, numa poderosa arma de influência cultural.

Para tanto, este trabalho está organizado em 3 capítulos: no capítulo 1, intitulado “Música, Mídia e Construção dos sujeitos”, exponho questões relacionadas à circulação da música na mídia e como operam na constituição das identidades dos sujeitos. No segundo capítulo, “O amor é para sempre: raio de luz e eclipse” trata das canções que cantam o amor romântico e o

² (NAPOLITANO, 2002.)

³ A utilização do termo pós-modernismo está ancorada nas leituras de Mike Featherstone (1995)

terceiro capítulo, “O amor não discute, vai embora”, apresenta as novas formas de amor, nestes tempos pós-modernos.

Capítulo 1- Música, mídia e a construção dos sujeitos

A música veiculada pela mídia tende a ditar conceitos, construir estereótipos e tem sua parcela de influência da formação dos sujeitos. Praticamente, todo o conhecimento hoje está mediatizado, supondo uma dependência cada vez maior dos meios de comunicação para a compreensão do mundo. Ela ajuda a compor uma realidade social multifacetada, sendo um fator decisivo na alteração do funcionamento e características das identidades e valores sociais.

Paradoxalmente, ao contrário do que reza o senso comum, a mídia não detém o poder de determinar quais bens culturais serão aceitos pela sociedade. Mas sim é ela, a sociedade, em um processo contínuo de produção e de assimilação cultural, quem traça os rumos da cultura. Se a mídia induz a determinadas escolhas, sempre partirá do indivíduo a necessidade de optar por romper com as escolhas por ela apresentadas e buscar novos horizontes culturais.

O campo da etnomusicologia assume que é possível compreender-se uma sociedade através de sua música, que a música engendra e é engendrada por processos sociais que vão além dela (Ver discussão em Nestrovski, 2007). Como um bom exemplo desta situação, Borges (ano) cita a difusão da música *funk* no Brasil, que se deu, sobretudo nos anos 80, e de como sua proposta estava ligada à música de consumo.

O *funk* era apenas mais um rótulo para se vender música estrangeira. Hoje, esta música retorna a mídia com uma proposta totalmente diferente. Reflete o modo de vida suburbano. Este lado que nossa sociedade tenta esconder por detrás de belas fotos em revistas e out-door`s. Trata-se de um novo uso a esta música atribuído pelas massas suburbanas. Esta música passou a ser usada como símbolo para exteriorizar o seu modo de vida.

Nos anos 80, as rádios farão opções entre música “cabeça” (rock, MPB), ou seja, aquelas consumidas por grupos mais intelectualizados ou conhecedores de sonoridades mais elaboradas ou de vanguarda, e a música “brega”⁴, tida como sendo de um estilo de mau gosto e direcionado para a grande massa. Para Araújo (2007, p.163), neste período, provocou-se toda uma onda sobre significados e implicações do fenômeno brega, e cita uma tentativa de definição feita por um crítico musical para o termo:

(...) gênero modelado em referências conhecidas do público em geral, envolvendo um estilo de cantar que imediatamente evocava os primeiros estágios da carreira fonográfica de Roberto Carlos e a repetição de alguns dos clichês textuais (espécie de romantismo ingênuo) e musicais (fórmulas do rock britânico e norte-americano de final dos anos 1950 e início da década seguinte) da Jovem Guarda. Um único atributo, segundo as primeiras análises desse tipo, seria distintivo no brega dos anos 80: a linguagem ‘crua’ e contundentemente direta de alguns de seus textos, que os afastava do conteúdo simplório ou ingênuo de seus percebidos modelos musicais. (ARAÚJO, 2007, p.165) (grifo nosso)

Não existe uma definição exata, portanto, para o termo “brega”, além da constatação de que por um repertório extremamente romântico. Sendo assim, o amor é brega?!

Interessante notar a partir de um certo momento, as rádios parecem ter aderido, com poucas exceções, ao repertório brega, atendendo, talvez, ao perfil do público ouvinte.⁵

Enquanto alguns compositores e músicos da geração do rock anos 80 eram consagrados entre os grandes da MPB, a programação das rádios voltava-se cada vez mais para as músicas românticas. consideradas na época como bregas, e cujos nomes de destaque foram o cantor José Augusto, com seu sucesso *Agüenta Coração*, a cantora Joana, além das canções produzidas em série pela imbatível dupla de compositores Michel Sullivan e Paulo Massadas. Na esteira de sucessos da rádio AM para FM, duplas sertanejas, como Chitãozinho & Chororó, começavam a invadir a televisão, gerando um sem

⁴ ⁴ Brega: de mau gosto, de baixo nível. Consta que a palavra teve origem em Salvador, mais propriamente numa área urbana de baixo meretrício onde uma placa indicando a Rua Padre Manuel da Nóbrega teve gasto o letreiro, sobrando apenas as duas últimas sílabas. Aplica-se a pessoas que se mostram sem elegância, que exibem mau gosto

⁵ Em Guarabira e em geral, todos os municípios paraibanos, todas as informações (notícias e músicas) se dão através das rádios locais, que são os principais veículos de comunicação regional.

número de imitadores por todo o Brasil, e revelando ainda outras “grandes duplas”. (HAGEMEYER, 2004, p.59)

A música denominada de “brega” se tornou amplamente exposta como uma definição em meados da década de 1980, e enquanto uma nova modalidade musical, encontrou resistências por parte influente das diferentes mídias, principalmente no meio acadêmico. A escassa circulação desta modalidade nos veículos de comunicação refletia no gosto dos ouvintes de música da época, ou seja, pouca divulgação pouca vendagem.

Aos poucos, foram sendo elaboradas estratégias de divulgação deste gênero e o fato é que, na década seguinte, o amor romântico invadiu outros territórios musicais: do samba, do pagode, do rock, de maneira que a definição de brega a partir do amor romântico acabou se dissolvendo em meio a outras tentativas difíceis de se entender. Ninguém sabe bem o que é brega.

Na seqüência, o axé-music baiano adaptou ritmo e letra a coreografias alegres e sensuais, e resposta católica- aeróbica do Padre Marcelo Rossi para conquistar a juventude foram pontos decisivos para que deixássemos de tentar rastrear uma lógica nas definições musicais recentes, porque em meio a toda essa profusão e confusão entre sons “brega” e “cabeça” outros ritmos e fenômenos foram se apresentando.

Segundo Paulo César Araújo, a música brega desempenhou um papel importante durante a ditadura militar, apesar do preconceito de classe contra artistas que tocavam na AM nos anos 70, como Odair José, Paulo Sérgio ou Waldik Soriano.[...] Na mesma linha segue o pesquisador Marcos Cardoso que, em recente entrevista ao jornalista José Ville, declarou que o novo brega dos anos 80 e 90 seria um resultado do aumento do poder aquisitivo das classes mais baixas da sociedade brasileira, que passou não só a ter acesso ao rádio FM e ao mercado de CDs, mas também a comprar os produtos e serviços oferecidos pela publicidade no rádio. Paulo César Araújo argumenta ainda que algumas composições de Zezé di Camargo estariam no mesmo nível que as de Martinho da Vila ou Zeca Pagodinho. Também o antropólogo da música popular brasileira Hermano Viana criticou a Enciclopédia da Música Brasileira por omitir o grupo de pagode Arte Popular. (HAGEMEYER, 2004, p.60-61)

Contudo, o próprio Hagemeyer questiona estes pesquisadores, lembrando a polêmica recente quando o cantor Lobão enfrentou o poderoso truste da indústria de CDs, denunciando o suborno das gravadoras para os

programadores das rádios para promover determinados cantores, o famoso “jabá”. Assim, retoma a questão: existe um gosto popular ou este seria manipulado pelas gravadoras inescrupulosas?

A experiência sonora não parece ser uma experiência de música de boa ou de má qualidade, pois esta dicotomia já está obsoleta, mas deve se deslocar para o contexto no qual ela foi produzida. Para Louro (2009, p.272),

O contexto pode ser inicialmente descrito como aquele onde a sonoridade musical interage por princípio com outros personagens na cena de igual importância. Mesmo assim, a relação da pessoa que se utiliza do meio onde o som é veiculado e das estruturas sonoras produzidas por ele pode ser de grande significação.

A cena musical promoveu uma intensa fusão de sons nos últimos anos, auxiliada por outras mídias mais interativas. O *youtube* é um epicentro de divulgação de sons e videoclipes, alavancando sucessos de um dia para o outro e promovendo uma divulgação até agora inimaginável.

As respostas para as questões levantadas estão longe de encerrarem as polêmicas em torno da música e mídia, pois envolvem um sem número de discussões. Assim, não se trata, no âmbito deste trabalho, querer aprofundar o debate nesta seara.

O nosso interesse repousa em vasculhar relações de afeto nas músicas das rádios, pressupondo que as mensagens veiculadas constituem uma via de mão dupla: a música que é transmitida subjetiva sujeitos e suas práticas, ao mesmo tempo em que também são traduções de comportamentos que vão se desenhando e disseminando no cotidiano.

Neste sentido, os meios de comunicação contribuem para a construção da realidade social e para a fixação de visões do mundo, sendo em grande parte, responsáveis pela definição do que é socialmente visível e privilegiando uma abordagem em detrimento de outra. As sonoridades vão construindo imagens e sensações que ludibriam o consciente e vão contornando uma realidade que dita estilos e formas. Assim, também os temas relacionados ao amor, à paixão e às relações afetivas se fazem presentes e ganham espaço e visibilidade nas músicas.

Não se trata de uma abordagem imanente ou externa da música enquanto texto midiático e sim das inter-relações que os produtos midiáticos mantêm com suas condições produtivas e com os efeitos previstos nesse processo.⁶

Esta perspectiva também se apóia na noção de texto desenvolvida por Umberto Eco, que afirma que

Um texto é um dispositivo concebido para produzir seu leitor-modelo. Repito que esse leitor não é o que faz a 'única' conjectura certa. Um texto pode prever um leitor-modelo com o direito de fazer infinitas conjecturas. (ECO; 1993, p.75)

Para Janotti Jr., a música pode ser entendida como uma espécie de estratégia textual, ou seja, um texto projetado para ser lido a partir de uma série estratégias de comunicação, ligadas a determinados parâmetros culturais. Em virtude das dificuldades de se mapear as fronteiras precisas destes textos a partir dos processos de direcionamento para um público potencial, podemos reconhecer também que os gêneros musicais são, antes de tudo, modelos (paradigmas) dinâmicos, e não fórmulas classificadas. Para os Estudos Culturais:

os gêneros delimitam as produções de sentido, demarcando a significação e os aspectos ideológicos dos textos, bem como o alcance comercial (e o público alvo) dos produtos midiáticos. Toda definição de gênero pressupõe uma demarcação negativa e/ou comparativa com outros gêneros, ou seja, analisar um produto midiático através dessa perspectiva pressupõe perceber as relações entre esse produto e outros de diferentes gêneros, compará-lo com expressões canônicas ou similares dentro do mesmo paradigma. Os gêneros são dinâmicos justamente porque respondem a determinadas condições de produção e reconhecimento, indicativos das possibilidades de produção de sentido e de interação entre os modos de produção/circulação/consumo dos produtos midiáticos. (JANOTTI JR., sd, p. 5)

Assim, é preciso reconhecer que boa parte daquilo que é consumido como rock ou MPB, por exemplo, pressupõe valorações que nem sempre estão ligadas diretamente aos aspectos musicais de uma determinada canção. Intérpretes como Raul Seixas e Cássia Eller são rotulados como roqueiros, mesmo que, em determinadas canções, a sonoridade se aproxime do universo

⁶ Ver a teoria do endereçamento, para refletir sobre o processo de inter-comunicação entre o envio e a recepção da mensagem no cinema. CCCC

musical da MPB. Talvez porque o rock e a MPB também não se prende a uma definição acabada.

Contudo, a rotulação é um bom modo de definir as estratégias de endereçamento de certas canções. O sentido e o valor da música são configurados no encontro entre música e ouvinte, e esta interação está relacionada aos aspectos históricos e contextuais deste encontro, na qual é possível notar uma relação entre o rótulo musical e um suposto gosto do ouvinte, o que pressupõe uma certa afirmação sobre quem são os ouvintes para quem determinada música é dirigida.

Para Janotti Jr. (sd, p. 9) em meio a toda complexidade do tema, pode-se afirmar que os gêneros descrevem não somente quem são os consumidores, mas também as possibilidades de significação de um determinado tipo de música para um determinado público. Portanto, a música deixa pistas que podem ser rastreadas e possibilitam uma leitura de mundo.

Partindo destas premissas, optei por um grupo de canções, escolhido a partir de uma seleção pessoal e justificadas pelo grande sucesso de público a partir da difusão radiofônica local (em AM e FM). Trata-se de músicas ouvidas normalmente pelo grande público doméstico, já que os aparelhos de rádio costumam ficar ligados grande parte do dia, configurando uma espécie de trilha sonora do cotidiano.

Nos capítulos que seguem, abordaremos algumas letras de canções que operam neste sentido da demonstração do que vai no comportamento dos sujeitos, relacionados aos tipos de relacionamentos amorosos. Primeiramente passeamos no amor pós-moderno, que expressa o que pode ser chamado de amor fugaz e depois no amor moderno, denominado de amor romântico.

Capítulo 2. Amor pra vida inteira: raio de sol e eclipse

Amar!
 É quando não dá mais prá disfarçar
 Tudo muda de valor
 Tudo faz lembrar você
 Amar!
 É a lua ser a luz do seu olhar
 Luz que debruçou em mim
 Prata que caiu no mar
 Suspirar sem perceber
 Respirar o ar que é você
 Acordar sorrindo
 Ter o dia todo prá te ver

O amor é um furacão
 Surge no coração
 Sem ter licença prá entrar
 Tempestade de desejos
 Um eclipse no final de um beijo
 O amor é estação
 É inverno, é verão
 É como um raio de sol
 Que aquece e tira o medo
 De enfrentar os riscos
 Se entregar...

Amar!
 É envelhecer querendo te abraçar
 Dedilhar num violão
 A canção prá te ninar
 Suspirar sem perceber
 Respirar o ar que é você
 Acordar sorrindo
 Ter o dia todo prá te ver...

O amor é um furacão
 Surge no coração
 Sem ter licença prá entrar
 Tempestade de desejos
 Um eclipse no final de um beijo
 O amor é estação
 É inverno, é verão
 É como um raio de sol
 Que aquece e tira o medo
 De enfrentar os riscos
 Se entregar...
 Uh! Uh!...(7)

⁷ Amar É, Roupas Nova, Composição: Cleberson Horsth - Ricardo Feghali

Eis uma definição de amor: algo que se associa de forma vital a toda e qualquer sensação do apaixonado: a luz do olhar, o ar que se respira. Um furacão, um eclipse, e depois de tudo, embala o envelhecer dos envolvidos, recomeçando tudo de novo, a cada novo dia.

As canções de amor fazem parte de nosso processo de formação emocional, não há como negar o fato. Por muito tempo, todo mundo ficou esperando chegar o “amor romântico”, que apesar de poder vir “como um furacão”, passava a embalar os corações, e para sempre. Para falar de amor, ou sentir o amor, para uma determinada geração, a trilha sonora que se apresenta é o Roupa Nova⁸, que interpreta os corações apaixonados nos últimos 30 anos.

Mas esse amor tal como conhecemos (e desejamos), é datado. Nas sociedades ocidentais, desde o século XVIII, o modelo de amor predominante na esfera das relações entre homens e mulheres é o "amor romântico", que torna a vida do sujeito "completa", e se coloca separado das compulsões sexuais/eróticas do amor apaixonado.⁹ Trata-se de um amor puro (versus impuro: sexual), para sempre, conforme mostra a música do rapper Tulio Dek¹⁰:

O amor me pegou de vez
E foi só você chegar
E agora eu sei esse amor vai ficar pra sempre

Falam que o pra sempre nesse amor não habita
Não sabem que o nosso amor é coisa tão bonita
Infinita que jamais descansa
Amor de verdade, amor de criança.
Esse é pra sempre, sempre será.
Um amor como o nosso nasceu pra ficar
Te quero pra sempre, perto de mim

⁸ Com raízes declaradamente rockeiras, o grupo identifica suas origens nos Beatles e abertos para todos os ritmos. Constituem um fenômeno do mercado fonográfico nacional e empatam sucessos nas rádios. O site oficial do grupo é o www.roupanova.com.br e o blog oficial é o <http://blogdoroupa.blogspot.com/>. No blog, achamos um post que dizia o seguinte:

É engraçado como um conjunto pode fazer parte da nossa vida e ser tão importante pra nós. Vocês fazem parte da minha história. Tinha uma tia que adorava vocês e sempre ouvíamos os lps , depois os cds e dvds juntas (Amanda, 27 de junho de 2007)

Este depoimento mostra como esse grupo conseguiu sobreviver às intensas transformações das últimas décadas.

⁹ [www.webartigos.com/ A-Crise-do-Amor-Romantico-na-Contemporaneidade](http://www.webartigos.com/A-Crise-do-Amor-Romantico-na-Contemporaneidade). Acessado em 26/10/10

¹⁰ Site oficial: <http://www.tuliodek.com/>

Aqui do meu lado, te quero assim.

E neste *rap* de origem rural, conforme se lê no site do cantor, prossegue a descrição metaforizada da mulher amada e da diferenciação amor/paixão:

Tão linda, minha linda, sempre bem vinda.
 Saiba você que te espero ainda
 Meu raio de sol, minha luz minha vida.
 Meu grande amor minha eterna querida
 Pessoas confundem amor com paixão
 Amor é pra sempre, nunca em vão.
 Pra que, por que viver de saudade.
 Nosso amor é pra sempre
 Essa é a verdade

O amor me pegou de vez
 E foi só você chegar
 E agora eu sei esse amor vai ficar pra sempre

E na mesma, segue a promessa do amor eterno:

Tudo fica melhor quando a gente se ama
 Um amor de verdade, nunca se engana.
 Te amo agora, sempre amarei
 Nosso amor é só nosso você sabe eu sei.
 Tudo que sinto, é tudo que canto
 Com você do meu lado, tudo vira um encanto
 Não é clichê tente entender
 São palavras de amor que dedico a você
 Por toda alegria que você me dá
 Sempre que precisei você esteve lá
 Comigo do lado, triste ou feliz
 Seu amor nessa vida é tudo que eu sempre quis.
 Eu sei que já sabe tudo o que digo.
 Amor como nosso nunca vi tão lindo
 Pra sempre contigo, esse é o meu lugar.
 Saiba que irei pra sempre te amar

(...)

Às vezes a gente não consegue entender
 E acredita que o amor, possa mesmo morrer.
 Nosso amor é eterno e pra sempre vai ser
 Por toda minha vida (por toda minha vida)
 Quero estar com você.¹¹

(Tulio Dek, Pra sempre)

¹¹ Para ouvir “Pra sempre”, de Tulio Dek: <http://www.muitamusica.com.br/8323-tulio-dek/1343555-pra-sempre/letra/>

A essência do amor romântico também considera o objeto amado imensamente precioso e muito difícil de possuir. Grandes e variados esforços são desenvolvidos para conquistar o amor desse objeto amado. (...) Um homem que amasse profundamente e respeitasse uma mulher acharia impossível ligá-la à idéia de relação sexual.

Esse amor idealizado e metaforizado pode ser representado por Marisa Monte¹², diva da MPB, que cantou em 1991, a canção *Rosa*:

Tu és divina e graciosa estátua majestosa no amor
 Por Deus esculpura
 E formada com ardor...
 Da alma da mais linda flor
 De mais ativo olor
 Que na vida é preferida pelo beija-flor...

A música, na voz de Marisa Monte, fez um sucesso estrondoso, mas é bom lembrar que ela pertence e embalou gerações passadas, desde os anos vinte do século vinte, ao som de Pixinguinha, que a elaborou juntamente com Otávio de Sousa.

Esse amor que vigora na modernidade ocidental, caracterizado pelo amor eterno e fiel, encontra-se hoje num processo de ruptura e reconfiguração, marcado pela instabilidade e facilidade do encontro amoroso, cuja rotina passa, cada vez mais, a fazer parte do cotidiano das pessoas.

Segundo Lins (2007, p. 60) o casamento religioso que consagra o amor romântico, segue um itinerário de regras:

Várias regras são impostas para que os cônjuges se enquadrem num modelo aceito pela Igreja: indissolubilidade do vínculo conjugal, procriação como única justificativa para a cópula e pretensão de eliminar desta última todo o prazer.

Mas esta descrição faz parte de um posicionamento crítico negativo, pois este amor também era esperado a partir de uma concepção poética e imaginativa, enchendo-se de um simbolismo cheio de ternura e amorosidade.¹³

¹² Marisa Monte é uma das maiores intérpretes da música popular brasileira da atualidade. Seu site oficial é o <http://www2.uol.com.br/marisamonte>.

¹³ Um mito que simboliza a idéia do amor romântico é o amor de Tristão e Isolda:

Para Lins (2007, p. 76) o amor romântico é construído em torno da projeção e da idealização sobre a imagem, em vez de sobre a realidade. A pessoa amada não é percebida com clareza, mas através de uma névoa que distorce o real.

Enquanto estamos apaixonados por alguém, o mundo se reveste de tamanho significado que a cada encontro somos transportados para fora da realidade e cria-se um estado de exaltação. É como se uma parte que nos faltasse nos tivesse sido devolvida, sentimo-nos enaltecidos, como se de repente tivéssemos nos elevado acima do mundo comum.

A sociedade ocidental moderna é a única cultura da história que tem a experiência do amor romântico como um fenômeno de massa. Somos os únicos a cultivar o ideal do amor romântico e a fazer do romance a base de casamentos e relacionamentos amorosos. Os orientais não vivem o amor dessa forma. Eles não impõem aos seus relacionamentos os mesmos ideais. Suas exigências e expectativas também são diferentes. (LINS, ano, p.110)

O amor romântico não é só uma forma de amor, mas todo um conjunto psicológico - uma combinação de ideais, crenças, atitudes e expectativas. Essas idéias coexistem no inconsciente das pessoas e dominam seus comportamentos e reações. Inconscientemente, predetermina-se como deve ser o relacionamento com outra pessoa, o que se deve sentir e como reagir.

Existe uma expectativa no homem e na mulher de que o amor revele algo sobre eles mesmos ou sobre a vida em geral. As características do amor romântico são inconfundíveis. O êxtase e a agonia que nos causam tornam a vida emocionante, nos dando essa sensação de transcendência. Para se

Tristão, jovem cujos pais são assassinados, é adotado por seu tio, Lorde Marke, e vira seu maior guerreiro. Dado como morto, Tristão é encontrado e tratado pela bela Isolda, com quem troca juras de amor, mas mantém seu nome em segredo. Ele ganha em um torneio de lutas a mão da princesa irlandesa para Lorde Marke, sem saber que ela é na verdade Isolda. O casamento trará a paz e a unificação dos clãs, mas a paixão faz com que Tristão e Isolda arrisquem tudo para viver seu amor proibido. Segundo Lins, Tristão e Isolda não se amam. Eles amam o amor, o próprio fato de amar. Tristão gosta de sentir amor, muito mais do que ama Isolda. Ele deseja lutar por ela, sofrer por ela, morrer por ela, mas não quer Isolda, quer amar. Ela, por sua vez, não tenta mantê-lo perto de si: satisfaz-se com um sonho apaixonado. Precisam um do outro para arder em paixão, mas não um do outro como cada um é. (LINS, 2007, p. 72)

Encontramos no nosso mundo muitos que desejam a paixão tanto quanto os amantes desse mito, embora a forma de persegui-la seja diferente. O comportamento de Tristão e Isolda é parecido com o que observamos nos amantes modernos, a diferença está na intensidade.

manter nesse estado de plenitude, homens e mulheres exigem coisas impossíveis de seus relacionamentos: nós realmente acreditamos inconscientemente que o outro tem a obrigação de nos manter sempre felizes, de tornar nossa vida significativa, vibrante, plena de encanto. Toda essa emoção é selada com o casamento, inclusive:

Eu estou apaixonado
 Dessa vez é pra valer
 Eu que andava com medo
 Quero casar com você
 Vou mergulhar em teu beijo
 Matar meu desejo te fazer sonhar
 O doce do teu carinho me faz delirar, te amar

Dona do meu pensamento
 Mora no meu coração
 O nosso amor é verdade não é ilusão
 Fica comigo pra sempre
 Diz que não vai me esquecer
 Não vou errar novamente pra não te perder

(Teddy Max, Quero casar com você)

O amor é certamente, o tema mais cantado em todos os ritmos e lugares. No entanto, as formas de amor e de amar são propostas de maneiras diferentes, As canções que se refere a um sentimento “verdadeiro” repleto de estrofes dedicadas à felicidade eterna entre um casal, é perceptível na canção de Roberto Carlos “Amante à moda antiga”.

Eu sou aquele amante à moda antiga,
 do tipo que ainda manda flores
 Aquele que no peito ainda abriga,
 recordações de seus grandes amores
 Eu sou aquele amante apaixonado,
 que curte a fantasia dos romances
 É fica olhando o céu de madrugada
 Sonhando, abraçando a namorada
 Eu sou do tipo de certas coisas,
 que já não são comuns nos nossos dias
 As cartas de amor,
 o beijo na mão,
 muitas manchas de batom,
 daquele amasso no portão.
 Apesar de todo progresso,
 conceitos e padrões atuais

Sou do tipo que na verdade
sofre por amor e ainda chora de saudades
Porque sou aquele amante à moda antiga,
do tipo que ainda manda flores
Apesar do velho tênis e da calça desbotada
Ainda chamo de querida a namorada.

(Roberto Carlos, Amante à moda antiga)

O “amante à moda antiga” assume que se trata de um sujeito de outros tempos. Se descreve ultrapassado, apesar de carregar consigo marcas dos tempos “atuais”: o tênis e a calça desbotada, que no nosso imaginário, nos leva a um lugar de rebeldia em termos comportamentais. E olhar para o céu, sonhar com a amada, mandar flores, beijar a mão, sofrer por amor, chorar de saudade ... São marcas de um tempo passado?

Segundo Faour (2006), a marca de Roberto é de retratar, em suas composições, temas, gostos e hábitos de um apaixonado sincero e eterno, apesar de ser um grande conquistador e contemplar e cortejar todos os tipos de mulheres: as pequenas, as gordinhas, as de cabelos encaracolados, enfim, podemos dizer que ele dá um golpe musical que cristaliza sua imagem de homem nota dez.

No entanto, nos últimos tempos, esse amor inabalável começou a entrar em crise. O sujeito pós-moderno quer relacionar-se, mas ao mesmo tempo em que busca a relação, repudiando a solidão, não abre mão de sua liberdade, buscando reconfigurar esta relação, a partir de uma relação líquida, frouxa. Tem horror à solidão, mas mantém o outro a uma distância que lhe permita o exercício da liberdade. Diante da dúvida é que o outro e o eu se relacionam, toda relação oscila “entre sonho e o pesadelo e não há como determinar quando um se transforma no outro”. (BAUMAN, 2004, p. 8)

As identidades, que estabeleciam os códigos sociais e que asseguravam uma subjetividade com as necessidades objetivas da cultura, estão se dissolvendo com todas essas mudanças estruturais e institucionais do mundo pós-moderno. Nesses tempos, pensar não só em processos mais confusos e plurais, mas, supor que o sujeito que trilha por um caminho é, ele próprio, dividido, fragmentado. É possível pensar que esse sujeito também se

lança num caminho, ao longo de sua vida, no qual o que importa é o trilhar e não o chegar, o que interessa é o movimento e as mudanças que se dão ao longo do trajeto.

A ruptura de determinados valores anteriormente constituídos traz à tona a busca de novas formas de relações humanas. Ao longo do tempo, a idéia de seguir uma vida individual passou a ser introduzida, cada vez mais, com novas idéias associando amor com liberdade. Todavia, diante as relações afetivas atuais, apresenta-se como características a intenção de estar junto e ao mesmo tempo não estabelecer relações fixas ao ponto de tornarem-se duradouras. Tal efeito é resultante da instabilidade relacional que impera na pós-modernidade, época de incertezas e inseguranças provenientes do risco que poderá trazer um novo relacionamento que possa apresentar mecanismos de controle. O que se direciona não apenas a relacionamentos estabelecidos entre homens e mulheres, mas também sobre os diferentes tipos de relações constituintes do gênero na pós-modernidade.

Na atualidade, estamos vivenciando uma profunda virada nos modelos de pensar, constituir e reconstituir as relações afetivas, essas constantes transformações e mudanças nos levam a refletir sobre o processo de destituição identitária. O aqui entendido como a fragmentação da personalidade identitária de um sujeito histórico, instalando uma profunda insegurança, sendo modificadas e construídas diariamente (HALL, 2002).

As relações afetivas na pós-modernidade refletem suas ações de pluralidade na antiga idéia do sujeito fixo, e traz à tona as múltiplas identidades que fazem parte de seu cotidiano. O sujeito, determinado como tendo uma identidade unificada e estável, está se fragmentando, formado não de uma, mas de várias identidades.

É o que Stuart Hall nos responde em *Identidade cultural na pós-modernidade* (ano). O autor passeia pelas sociedades, desde o iluminismo até os dias atuais, ilustrando concepções de identidades que vigoraram até hoje, o sujeito iluminista e o pós-moderno. O sujeito do iluminismo estava baseado no indivíduo totalmente centrado, dotado da razão, cujo centro consistia num núcleo interior, que aparecia quando o sujeito nascia e permanecia basicamente o mesmo ao longo de sua existência. Já o sujeito pós-moderno, é

composto não de uma única, mas de várias identidades, muitas vezes contraditórias ou não resolvidas. Uma mudança estrutural está fragmentando as diversas identidades culturais - de classe, gênero, sexualidade, etnia, e nacionalidade - as quais se antes, eram sólidas localizações, onde o sujeito moderno se encaixava socialmente, hoje se encontram com fronteiras menos definidas, provocando no sujeito pós-moderno múltiplas identidades.

A partir daí se processa o surgimento do sujeito pós-moderno, identificado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. É uma identidade que varia conforme vão acontecendo as mudanças nos sistemas culturais, que vão se definindo pelos fatos externos e não internos ou sociológicos.

Esse sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um eu coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (HALL, 2006, p.12-13).

A questão da identidade consiste numa construção que está sendo formada e transformada, seguindo diferentes etapas, momentos, circunstâncias ou oportunidades que nos rodeiam, neste sentido segue uma linha de identificações continuamente deslocadas, como fala Stuart Hall “a identidade torna-se uma ‘celebração móvel’”.¹⁴ Ou seja estamos a mercê de transformações constantemente, cotidianamente. A identidade construída pelos sujeitos pós-modernos encontra-se inserida num tempo e num espaço representado, o qual assume uma identidade provisória e variável.

E as relações afetivas neste tempo? É esta a proposta de sobrevôo no próximo capítulo.

¹⁴ Hall, Stuart A identidade cultural na pós-modernidade/Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-11.ed.-Rio de Janeiro:DP&A,2006.

Capítulo 3. O amor não discute, vai embora

Já sei namorar
Já sei beijar de língua
Agora, só me resta sonhar
Já sei onde ir
Já sei onde ficar
Agora, só me falta sair

Não tenho paciência
pra televisão
Eu não sou audiência
para a solidão

Eu sou de ninguém
Eu sou de todo mundo
E todo mundo me quer bem
Eu sou de ninguém
Eu sou de todo mundo
E todo mundo é meu também

Já sei namorar
Já sei chutar a bola
Agora, só me falta ganhar
Não tenho juiz
Se você quer a vida em jogo
Eu quero é ser feliz
Não tenho paciência
pra televisão
Eu não sou audiência
para a solidão

Eu sou de ninguém
Eu sou de todo mundo
E todo mundo me quer bem
Eu sou de ninguém
Eu sou de todo mundo
E todo mundo é meu também

Tô te querendo como ninguém
Tô te querendo como Deus quiser
Tô te querendo como eu te quero
Tô te querendo como se quer (x2)

(Marisa Monte)

Em 2002, Marisa Monte, uma das nossas grandes intérpretes da atualidade, fez o Brasil inteiro cantar uma letra afirmando o refrão em que dizia ser de ninguém e ser de todo mundo, ao mesmo tempo em que todo mundo é de todo mundo, inclusive meu¹⁵... Eles fizeram estrondoso sucesso com seu CD único, cujo primeiro hit instantâneo foi esta música que falava justamente do “ficar”, sem culpas e sem posses.

A letra da música celebra o “ficar”, sem culpas – que significa beijar uma ou mais bocas durante uma noite, sem compromisso, podendo ou não rolar uma transa. Quer dizer, traduz a vontade de ter a pessoa por alguns momentos, por uma noite, mas não a ponto de namorar, noivar ou casar.

A pós-modernidade serviu de palco para mudanças nas vidas, na música, literatura, arquitetura, cinema entre outros, interferindo direta ou indiretamente na vida social de modo geral, mesmo que de formas e tempos distintos. Nesse contexto, não rápida, mas de forma gradativa, o cenário da pós-modernidade vai se afirmando e as relações afetivas vão se constituindo também a partir de um mundo propenso à imprevisibilidade.

A condição pós-moderna é a tendência para o contrato temporário em todas as áreas da existência humana: a ocupacional, a emocional, e sexual, a política – laços mais econômicos, flexíveis e criativos que os da modernidade. (ver Perry Anderson, p. 33), a pós-modernidade surge para marcar a perda da credibilidade das certezas normativas da modernidade, e contribui para a alteração das relações humanas nos seus variados sentidos.

Neste capítulo, pretendo pensar sobre a fragilidade das relações amorosas na contemporaneidade insinuadas nas canções veiculadas nas rádios. Estas relações estão pautadas na interpretação de Bauman, *Amor Líquido* (2004), teórico que lançou o conceito de “líquido” para determinar as relações essenciais da pós modernidade, ligada ao frágil, duvidoso, frouxo, livre e inseguro.

Em *Amor Líquido* (2004), Bauman ilumina as relações amorosas do século XXI e destaca que a frouxidão é a principal característica de tais

¹⁵ Composição de Marisa Monte, Arnaldo Antunes e Carlinhos Brown), CD Os Tribalistas, em 2002,

relações. Bauman, logo nas primeiras páginas desta obra deixa claro o objetivo do seu trabalho:

A misteriosa fragilidade dos vínculos humanos, o sentimento de insegurança que ela inspira e os desejos conflitantes (estimulados por tal sentimento) de apertar os laços e ao mesmo tempo mantê-los frouxos, é o que este livro busca esclarecer, registrar e apreender. (BAUMAN, 2004, p. 8).

Vejamos pois... a música *Não sou de ninguém* da banda de forró Anjo Azul, gravada em 2009, vem bem a calhar para expor a mudança de posição referente às relações amorosas que vigoram hoje em dia dizendo

Que não sou mais de ninguém
 Não sou de ninguém
 Pois me libertei
 Coragem eu criei
 Não ligo mais pra o amor
 Não sou de ninguém
 Vou ficar tão bem
 Pois compromisso não quero
 Com nenhum outro amor
 E só beijar
 Sem me apegar a ninguém...¹⁶

Segundo Bauman, a relação pode acabar numa manhã de sol que o outro – este que um dia antes disse “eu te amo” – levanta-se da cama e exclama: “acabou!” Como entender tal mistério? Quais idéias que se auto-organizaram para tal catástrofe? (catástrofe para aquele que perde o objeto de amor “garantido”). Como sobreviver depois deste salto, ou melhor, do céu ao inferno em uma noite? O amor, dirá Bauman, pode ser, e freqüentemente é, tão atemorizante quanto a morte. “[...] Assim, a tentação de apaixonar-se é grande e poderosa, mas também o é a atração de escapar.” (BAUMAN, 2004, p.23).

As propostas afetivas dos personagens centrais narrado nas canções refletem, de maneira inconsciente, nas ações de milhares de ouvintes que ao se depararem com as histórias cantadas, acabam por incorporar esses “sentimentos amorosos” às suas realidades.

Os sentidos enigmáticos e polissêmico dos signos musicais favorecem os mais diversos tipos de escuta ou interpretações - verbalizados ou não – de um público ou de intelectuais

¹⁶ Referencia

envolvidos pelos valores culturais e mentais, altamente matizados e aceitos por uma comunidade ou sociedade. A partir dessas concepções, a execução de uma mesma peça musical pode provocar múltiplas ‘ escutas ‘ (conflitantes ou não) nos decodificadores de sua mensagem [...] de acordo com uma perspectiva sincrônica ou diacrônica do tempo histórico. (NAPOLITANO, 2002, p. 92)

A idéia de se aventurar em relacionamentos sem compromisso nem responsabilidade norteia os sujeitos pós-modernos e vem carregada da idéia do novo, da certeza somente na dúvida e na incerteza em relação aos laços e da duração, afastando-se dos moldes tidos como conservadores, uma era da suspeita em que tudo é posto sob interrogação não mais a era de certezas normativas, busca-se e vive-se hoje a partir do fascínio do desconhecido, do deslocamento.

Para expressar esta intenção, o cantor e compositor Amado Batista¹⁷, em 2003, grava uma pérola intitulada *Eu quero é namorar*:

Eu pensei em te dar o meu amor e te dar meu coração.
Eu pensei em jogar tudo pro alto e assumir essa paixão.
Eu pensei em ir até a sua casa e pedir a sua mão.
Mas parei,
E notei,
Que era tudo ilusão.

REFRÃO:

Eu não quero compromisso eu quero é namorar,
Sair por aí sem hora de voltar,
Eu não quero me amarrar eu morro de medo,
De uma aliança apertar o meu dedo.
Quero beijo quero amasso sair todo dia,
Beber uma gelada e cair na folia,
Porque a vida de casado entre quatro paredes,

É uma agonia.(2x)

A letra nos mostra que o sujeito tinha uma intenção de constituir uma relação duradoura, seguindo tradições, mas após um momento de reflexão resolveu optar por continuar com uma vida livre pra ir e vir quando desejar, namorar sem responsabilidades, entendendo ele que a vida de casado seria

¹⁷ Amado Batista é de Goiania (GO), de origem rural, lançou-se na área musical nos anos 70 e constitui uma das mais bem sucedidas carreiras do mercado fonográfico brasileiro. Foi eleito pelo cantor e compositor Eduardo Dusek, o ícone brega. Um dos seus maiores sucessos foi a canção intitulada *O fruto do nosso amor*, também conhecida popularmente por *Amor perfeito*.

monótona, desesperadora, agonizante e... sem nenhuma perspectiva de prazer. A aliança, metáfora do compromisso, atrapalha a idéia de felicidade do sujeito, que agora, está calcada na liberdade.¹⁸

Diante dessa realidade, o papel do que seria amor romântico perde espaço para as inconstantes e vulneráveis relações, tornando-as mais satisfatória. Como afirma Bauman:

a definição romântica do amor como 'até que a morte nos separe' está decididamente fora de moda, tendo deixado para trás seu tempo de vida útil. (BAUMAN, 2004, p.19).

Parece até que apaixonar-se e desapaixonar-se é algo que acontece de modo muito fácil. Essa nova visibilidade tende ao reconhecimento do amor como um episódio intenso, curto e impactante, desencadeado pela fragilidade e curta duração.

Assim, o amor não discute, vai embora, como se lê na crônica (PENA, 2010). Esta relação é cada vez mais forte e satisfatória, proporciona sensação de liberdade e principalmente, possibilita aos sujeitos envolvidos uma multiplicidade de experiências amorosas.

A decisão de assumir uma vida sentimental sem compromisso fixo passa pela escolha de morar sozinho, não fazer cobranças afetivas ou de dar satisfação de sua vida cotidiana, sem nenhuma espécie de ligação mais forte com o outro. São escolhas que fogem da normatividade de uma sociedade conservadora, mas que vem ganhando espaço de forma gradativa nos diversos setores presentes no âmbito da sociedade pós-moderna, e que se constitui como identidades com as quais o sujeito se identifica na construção de sua história, e são formas de manifestação igualmente legítimas para esse sujeito bombardeado de novos comportamentos.

Em meio a esse *frenesi* de novos comportamentos, e com a mudança de uma sociedade conservadora, em que o passado e os símbolos são valorizados porque contém e perpetuam a experiência de uma geração, para uma sociedade de mudanças constantes, rápidas e permanentes e também altamente reflexivas reflete-se nos

¹⁸ Amado Batista, quem diria...?!

Modos de vida colocados em ação pela modernidade nos livrara, de uma forma bastante inédita, de todos os tipos tradicionais de ordem social. Tanto em extensão, quanto em intensidade, as transformações envolvidas na modernidade são mais profundas do que a maioria das mudanças características dos períodos anteriores. No plano da extensão, elas serviram para estabelecer formas de interconexão social que cobrem o globo; em termos de intensidade, elas alteraram algumas das características mais íntimas e pessoais de nossa existência cotidiana. (GIDDENS apud HALL, 2006, p.16).

Para o autor, essa mudança, tomada em conjunto, pode indicar que a modernidade está sendo transformada, no sentido de ser “pós” qualquer concepção fixa de identidade, são transformações que alcançam a todos de um modo geral e ainda afetam nossas sensibilidades, refletindo nas ações de cada sujeito.

Segundo Bauman, as relações tornam-se cada vez mais “flexíveis”, gerando níveis de insegurança sempre maiores.

A modernidade líquida em que vivemos traz consigo uma misteriosa fragilidade dos laços humanos. A insegurança inspirada por essa condição estimula desejos conflitantes de estreitar esses laços e ao mesmo tempo mantê-los frouxos. (Bauman, 2004, p.xx).

Nesse mundo fluido, tudo que é de uso instantâneo e que não necessita de esforço é apresentado como bem visto, em contrapartida, o que é sólido e durável é detestável remetendo à idéia de opressão e de dependência incapacitante.

O grande avanço tecnológico permitiu uma diminuição entre o impulso humano e sua satisfação, as informações que circulam em “rede” são inúmeras, o que torna impossível o domínio de tudo que é divulgado aumentando a sensação de incerteza e de mundo incontrolável. Neste sentido as relações afetivas que antes eram tidas como estáveis e duradouras, se transformam acompanhando todo um processo de discurso inovador e que vem quebrar com os discursos das tradições do século XIX (do amor eterno). Nessa perspectiva de tradição e de ruptura das tradições, o discurso da pós-modernidade nos revela que todo processo discursivo, nesse caso o da

inconstância das relações afetivas, constitui-se numa construção histórica, e como tal passível de mudanças.

A consolidação da idéia do serem felizes para sempre, de amar e ser amada por um único parceiro e que esse amor seja completo no sentido de satisfação mútua, de realizações mútuas, a idéia de intensidade, a concepção de eternidade e de entrega, ainda existe no mundo pós-moderno mesmo sendo com menos intensidade, de forma tímida em se comparando com as relações “líquidas”, sendo estas, a abrangência de uma nova visibilidade de amor efêmero, não significa registrar que as relações duradouras tiveram um fim, que foram extintas das relações humanas, mas entendemos que as relações que prevalecem e que cada vez mais ganham visibilidade são as relações a curto prazo como forma de busca por um prazer momentâneo, rápido e sem qualquer tipo de responsabilidade frente ao outro.

Eu quero te provar
Sem medo e sem amor
Quero te provar
Eu quero te provar
Cozida à vapor
Quero te provar.

(Garota Nacional, Skank, 1999)

Amor pode ser só uma experiência de “provar” (gastronomicamente), sem medo e sem amor. Nessa sedutora emancipação entendemos a liberdade como real objetivo almejado pelos sujeitos, a rapidez da troca de informações e as respostas imediatas acabam por acarretar e influenciar nas decisões diárias, a incerteza radicalizada em todos os campos da interação humana, a falta de padrões reguladores precisos e fixos, são evidências compartilhadas por todos os que estão neste barco do mundo pós - moderno. Bauman nos esclarece o termo líquido para caracterizar a sociedade moderna:

Diferentemente da sociedade moderna anterior, que chamo de ‘modernidade sólida’, que também tratava sempre de desmontar a realidade herdada, a de agora não o faz com uma perspectiva de longa duração, com a intenção de torná-la melhor e novamente sólida. Tudo está agora sendo permanentemente desmontado, mas sem perspectiva de alguma permanência. Tudo é temporário. É por isso que sugeri a metáfora da ‘liquidez’

para caracterizar o estado da sociedade moderna: como os líquidos, ela caracteriza-se pela incapacidade de manter a forma. Nossas instituições, quadros de referência, estilos de vida, crenças e convicções mudam antes que tenham tempo de se solidificar em costumes, hábitos e verdades 'auto-evidentes.

¹⁹

É o que podemos definir como o constante deslocamento seja nos costumes, hábitos, regras, estilos, desejos e/ou paixões que se encontram entrelaçadas, imbricados, impregnados nos sujeitos pós-modernos desembocando na fragilidade das relações humanas. Não dividir o mesmo espaço, estabelecer os momentos de convívio que preservem a sensação de liberdade, evitar o tédio e os conflitos da vida em comum passa a se tornar opções que se configuram como uma saída que promete uma relação com um nível de comprometimento mais fácil de ser rompido. As relações humanas dispõem hoje de mecanismos tecnológicos e de um consenso capaz de torná-las mais frouxas, menos restritivas. É preciso se ligar, mas é imprescindível cortar a dependência, deve-se amar, porém sem muitas expectativas, pois elas podem rapidamente transformar um bom namoro num sufoco, numa prisão.

Um relacionamento intenso pode deixar a vida um inferno, paradoxalmente, nunca houve tanta procura em relacionar-se, uma procura sem controle, um movimento em várias direções em busca de satisfação a curto prazo. Sob essa perspectiva, podem-se verificar algumas características concentradas nessa cultura instantânea como a busca do prazer imediato, o descompromisso com o outro, a tolerância ao diferente, a (des)construção e transgressão às regras, a violação dos corpos, a banalização de diferentes práticas e a realização de desejos efêmeros. A busca de satisfação imediata resulta na inconstância das relações afetivas, mas isso não nega que em outros tempos a ação dessa forma de relação estivesse presente, o que questionamos aqui é que no mundo pós-moderno essa prática se encontra com uma expressiva busca e que cada vez mais essa procura vai encontrar um espaço maior para suprir as necessidades dos sujeitos que dela se fazem simpatizantes.

¹⁹ <http://linhaliquida.blogspot.com/2009/08/logica-liquida.html>. Acessado em 11 de setembro de 2010.

A visibilidade nessas novas mudanças de conduta, dará espaço para uma sensação de liberdade, de prazer e de satisfação a curto prazo. Como assinalam Ehrenreich e English, no mundo pós-romântico,

Em que os antigos vínculos não mais se sustentam, tudo que interessa é você: você pode ser o que quiser; você escolhe sua vida, seu ambiente, até mesmo sua aparência e suas emoções. ... A velhas hierarquias de proteção e dependência não existem mais, só existem contratos abertos, rescindidos livremente. (EhrenreichteEnglish,apud Bauman, 2009, p. 70).

Nessa sociedade maleável em que vigora a ascensão de um objetivo individual, o individualismo é representado aqui como tendo um papel preponderante, pois se trata da empregabilidade de funções mutáveis, fluídas no sentido de liberdade também no cotidiano dos sujeitos. A busca constante em “ganhar tempo” se tornou hábito da sociedade, vive-se hoje um tempo em que o que importa é a fluidez, o efêmero ganha espaço numa proporção cada vez maior, deixando para trás velhos hábitos como o “para sempre”, “até que a morte os separe” entre outros.

Uma grande defesa destas novas relações é feita pela psicanalista e sexóloga Regina Navarro Lins (2007), que critica “o amor romântico” como pregador de mentiras do tipo: só é possível amar uma pessoa de cada vez; quem ama não sente tesão por mais ninguém; a vida só tem graça se a pessoa amada estiver do lado. E para piorar tudo é regido pela impossibilidade. E quanto mais difícil, mais apaixonada a pessoa fica. E prossegue dizendo que “o mundo oferece muitas possibilidades, e com o tempo esse amor (romântico) gera grande frustração, afinal, ninguém consegue preencher o outro em todos os momentos da vida, inclusive no sexual” (LINS, 2007; FAOUR, 2006, p.444-445). Enfim, o mito do amor romântico não passa de uma mentira porque mente sobre as mulheres e os homens e mente sobre o amor.

A base sobre a qual se constrói o mito é a estereotipagem sexual das pessoas em homens 'verdadeiros' e mulheres 'verdadeiras', o que divide a humanidade ocidental contra si mesma e envenena nossa vida amorosa. (LINS, 2007, p. 79)

E além de mentir que o verdadeiro amor dura para sempre, o mito também exclui o conflito e a discórdia.

Incorporar novos hábitos, costumes, estilos ou um novo tipo de relacionamento a curto prazo ao cotidiano significa estar em dia com o novo tempo. Isso ampliou os desejos e estimulou os costumes, sobretudo no sentido de acompanhar as transformações que operavam em outros lugares, paulatinamente, a manifestação dos novos comportamentos e costumes era decorrente do novo imaginário simbólico e se fundamentava na liberdade e na satisfação do desejo de acompanhar novas linguagens, novas tendências, novos comportamentos.

Com o advento das transformações impulsionadas pela pós-modernidade, as personalidades dos sujeitos mudam consideravelmente, contribuindo para a autoconfiança e tornando ainda mais esmagadora a necessidade das relações duradouras. Na prática social as relações afetivas tendem a serem confusas, ambíguas, tensas e a gerarem profunda ansiedade, uma vez que se assume na interpretação popular do amor que a relação amorosa só pode se efetivar quando impulsionada pelo “sentimento verdadeiro”, pela sinceridade, a não esconder nada, por mais perturbadora que possa ser a informação para o parceiro (a), esse tipo de dependência que um parceiro tende a ter com relação ao outro, aos poucos acaba por tornar a relação frágil e vulnerável.

A partir do momento em que um sujeito que se encontra numa posição autônoma, e esta começa a perder sua liberdade frente a uma relação que acaba por sufocá-lo, esse sujeito irá substituir esse tipo de relação de “controle” pelas relações fluidas, efêmeras. Hoje muitas experiências amorosas desconhecem qualquer sentido de continuidade e se esgota em um presente sentido como instante fugaz.

Neste sentido o mundo do efêmero, da relação fugaz, cria as metamorfoses do meio em que vivem, no qual se trocam de parceiros no mesmo ritmo e intensidade que se diluem os efeitos produzidos (prazeres, emoções, satisfação). A visibilidade que os sujeitos pós-modernos adquiriram em relação ao que se caracteriza pelas incertezas constantes quando se trata do amor, é refletida nas diferentes subjetividades, nas múltiplas identidades já

discutidas anteriormente, decerto que esse deslocamento constante que envolve os sujeitos faz parte das incertezas causadas pelas transformações que as sociedades atravessam ao longo do tempo, sendo que na atualidade observa-se um fluxo considerável de maior intensidade, constituindo-se numa ampla visibilidade bem como numa maior percepção do que antes.

Vivemos numa era em que “esperar” se transformou num palavrão. Gradualmente erradicamos (tanto quanto possível) a necessidade de esperar por qualquer coisa, e o adjetivo do momento é “instantâneo”. Não podemos mais gastar meros 12 minutos fervendo uma panela de arroz, de modo que foi criada uma versão de dois minutos para microondas. Não podemos ficar esperando que a pessoa certa chegue, de modo que aceleramos o encontro... Em nossas vidas pressionadas pelo tempo, parece que o cidadão britânico do século XXI não tem mais tempo para esperar coisa alguma. (Laura Potter, apud. Bauman 2009, p.13).

Vivemos hoje numa fuga constante de qualquer coisa que nos leve a fixarmos num determinado ambiente ou mesmo num relacionamento, a solidez das certezas perde espaço cada vez mais significativo para a liquidez, para a inconstância, para as incertezas do que em outros tempos se percebia menos fugaz. Outros tempos, nova era e como consequência, mudanças se fazem presentes para suprir com a demanda dos sujeitos sedentos e atentos por transformações, invenções e reinvenções, por apaixonar-se e desapaixona-se num turbilhão de prazeres efêmeros.

O que se torna excitante para os sujeitos que vivem ou que buscam viver momentos de prazeres frágeis e efêmeros, é o fato de que estes sujeitos irão estar sempre disponíveis para outras relações vindouras e não se fechar para uma única relação, tornando-a cada vez mais monótona e transformando o que antes seria amor, desejo ou mesmo paixão em acomodação, em algo repetitivo, rotineiro e resistente às mudanças. Neste sentido a idéia de compromisso sério vem perdendo seu espaço no gosto popular.

Os sujeitos pós-modernos vivem tempos, em que uma crise constante de identidades passa a adotar comportamentos que antes era mantida e respeitada no universo das famílias conservadoras, com isso as relações amorosas entre os sujeitos gradualmente vão se formando e se transformando,

tornando-se cada vez mais frágeis, mais vulneráveis, mais fugaz. Decerto que os relacionamentos que tendem a trilharem por esse caminho estarão propensos para fugir de qualquer tipo de segurança, de compromisso, de certezas normativas.

Não há uma receita pronta para a fabricação ou construção de qualquer tipo de sucesso, satisfação ou mesmo de realização que seja direcionado para os diversos campos da vida dos sujeitos. O que existe e hoje com uma maior percepção é uma corrida desenfreada para conquistar esses objetivos e talvez seja por essa demasiada busca que os sujeitos se perdem no caminho e se deparam com a inconstância, e recomeça sua busca cotidianamente.

Deste modo, a música busca dominar tradição e arte, não deixa de ser um meio criado e dirigido para os sujeitos, penetrando em suas casas e vidas com uma determinada produção ideológica que reflete os meios pelos quais se produz e reproduz. Necessitando manter-se dinâmica, a influência produzida pelos meios de comunicação pode tingir-se de imitadora da vida, de sofisticada, de sensível e até de subversiva, e está pronta para ser consumida, digerida. Somos bombardeados de informações transmitidas cotidianamente, somos alvos de vias sonoras em todos os ambientes, pois, mesmo na correria do dia a dia temos acesso a aparelhos portáteis das mais variadas formas e potências, como a música é recebida e interpretada varia de sujeito para sujeito. No entanto conseguimos relacionar determinadas músicas com um determinado relacionamento, ou mesmo com o que não aconteceu e que poderia ter acontecido. A música marca momentos seja em que época for, e têm o poder de influenciar comportamentos, nas mais distintas situações.

O cantor e compositor Amado Batista foi alçado pela mídia nacional como um dos representantes desse gênero denominado “brega”, um cantor consagrado entre o público ouvinte das rádios, em sua canção “mas eu só quero é namorar”, apresenta um sujeito que sai do lugar “antigo”, pensa bem e resolve que vai mudar seu comportamento, já que um compromisso (uma aliança) vai atrapalhar (apertar o dedo) a sua vida. Amado Batista reflete sobre que tipo de relação amorosa ele quer encontrar na vida, que distancia-se da opção feita por Roberto Carlos.

Ainda nesta mesma linha de pensamentos e sentimentos sobre essas questões do amor e desamor Marisa Monte, lança “Já sei namorar”²⁰ Em 2002, a canção “já sei namorar” torna-se febre nas paradas de sucesso. A letra da música deixa clara a sensação de liberdade e de troca de experiências amorosas aceita por “todo mundo”, a felicidade aqui é representada pela ação de aventura, descompromisso, liberdade e prazer coletivo.

Nada melhor para concluir do que a surpreendente composição dos veteranos Rita Lee e Roberto de Carvalho inspirada em uma crônica de Arnaldo Jabor, o pop/romântico *Amor e sexo*, grande sucesso radiofônico entre 2003 e 2004, que trata justamente da separação entre amor e sexo, e rompe com um dos maiores mitos do “amor romântico” clássico.

Sexo sem amor é vontade
 Amor é um livro, sexo é esporte
 Sexo é escolha, amor é sorte
 Amor é pensamento, teorema
 Amor é novela, sexo é cinema
 (...)
 Amor sem sexo é amizade
 Sexo sem amor é vontade...²¹

As relações de cunho inconstante discutidas neste capítulo, se encontram e se estabelecem interligadas às relações tidas como românticas, e que fazem parte do imaginário e do desejo de sujeitos que sonham com seu par perfeito. Esses caminhos se cruzam num trilhar de sujeitos tanto os modernos tidos como românticos, como os pós-modernos tidos como inconstantes. Em que momento deixamos um padrão de comportamento para assumirmos um outro completamente oposto? Em que momento podemos ditar aos nossos corações, de maneira racional, qual a melhor forma de encaminharmos nossas relações afetivas?

²⁰ Composição: Arnaldo Antunes, Carlinhos Brown e Marisa Monte

²¹ referencia

Considerações

As letras, as melodias, se somam ao imaginário simbólico do desejo, da satisfação de realizar o que determinadas letras abordam - as mais diversas formas de relacionamentos que estão e se fazem presentes no cotidiano – e terminam por construir ou reconstruir cenas da vida de milhares de sujeitos.

O ouvinte de música possui dispositivos, alguns inconscientes, para dialogar com a música e é óbvio que nem todos os ouvintes dialogam da mesma maneira ou com a mesma competência. Estes dispositivos não são apenas frutos da subjetividade do ouvinte diante da experiência musical, mas também sofrem a implicação de ambientes socioculturais, valores e expectativas.

Esta ampliação de desejos e estimulação de costumes, sobretudo no sentido de acompanhar as transformações, paulatinamente levam também à manifestação dos novos comportamentos e costumes, decorrentes do novo imaginário simbólico, fundamentado na liberdade e na satisfação do desejo de acompanhar novas linguagens, novas tendências, novos comportamentos.

Neste sentido, este mundo do efêmero, da relação fugaz, se consubstancia numa metamorfose constante, na qual se trocam de parceiros no mesmo ritmo e intensidade que se diluem os efeitos produzidos (prazeres, emoções, satisfação), de tal maneira que, conforme Potter²²

Vivemos numa era em que “esperar” se transformou num palavrão. Gradualmente erradicamos (tanto quanto possível) a necessidade de esperar por qualquer coisa, e o adjetivo do momento é “instantâneo”. Não podemos mais gastar meros 12 minutos fervendo uma panela de arroz, de modo que foi criada uma versão de dois minutos para microondas. Não podemos ficar esperando que a pessoa certa chegue, de modo que aceleramos o encontro... Em nossas vidas pressionadas pelo

²² Laura Potter, apud. Bauman 2009, p.13.

tempo, parece que o cidadão britânico do século XXI não tem mais tempo para esperar coisa alguma.

A visão de uma vida plena e satisfatória perde espaço para a busca das relações consideradas menos desgastantes, sem perspectiva de um futuro sólido, seus alvos são substituídos a uma velocidade estonteante. Um compromisso sólido limitaria seriamente a variedade de relações disponíveis para *a posteriore*, os relacionamentos ganham uma nova roupagem, reduzem seu tempo de duração para que seja o mesmo tempo da satisfação que produzem: o compromisso é válido até que a satisfação desapareça.

No entanto, tanto o compromisso duradouro que ainda existe, quanto o efêmero, passam por transformações permanentemente. Não existe remédio direto e inequívoco para esses dilemas, a vida se passa na companhia das incertezas, ninguém está livre de riscos, seja ela na parte econômica, profissional ou amorosa, a trajetória da vida humana, a incerteza, o risco, a dúvida se fazem presentes por toda parte, as mudanças que ocorrem no mundo afetam os sujeitos que nele vivem, neste sentido, somos moldados de acordo com os avanços que nos rodeiam e que surgem a todo instante.

Num mundo em processo de renovação constante, Bauman nos fala que:

O ritmo da mudança talvez tenda a ser acelerado demais, e a velocidade com que novos fenômenos emergem na consciência pública e desaparecem das vistas é demasiadamente grande. Isso impede que a experiência se cristalice, estabelecendo-se e solidificando-se em atitudes e padrões comportamentais, síndromes de valores e visões de mundo, próprios para serem registrados como traços permanentes do “espírito da época” e reclassificados como características singulares e duradouras de uma geração. (Bauman 2009, p. 85)

Numa multiplicidade de discontinuidades que afloram e que moldam os sujeitos, as regras, normas e padrões até recentemente percebidos como adequados, eficazes e louváveis devem ser reclassificados como inúteis, efêmeros e fugazes.

Assim, o amor, segundo Klima, deve ser comparado à

criação de uma obra de arte... Isso também requer imaginação, concentração total, a combinação de todos os aspectos da personalidade humana, auto-sacrifício da parte do artista e liberdade absoluta. Mas acima de tudo, como ocorre com a

criação artística, o amor exige ação, ou seja, atividade e comportamento não-rotineiros, assim atenção constante à natureza intrínseca do parceiro, um esforço para compreender sua individualidade, além de respeito. E por último, mas não menos importante, precisa de tolerância, da consciência de que não se deve impor ao companheiro suas perspectivas ou idéias nem ser um obstáculo à felicidade do outro.²³

Então, como sempre foi o amor é algo que precisa ser sempre e novamente construído e reformado a cada dia, a cada hora; constantemente ressuscitado, reafirmado. E que dure o tempo que tiver que durar. As relações afetivas são baseadas em sentimentos que se apresentam como “humanas”: naturais, espontâneas e universais. Os sujeitos criam laços, demonstram afetos, amam. Contudo, ao encararmos o amor como uma construção histórica, e por ser histórica, constitui-se numa construção social, variando de forma, significado e de valor, de maneira que assim como todas as culturas elegem suas formas de sofrer, de viver, de gozar, de morrer, também elegem suas formas de amar. Isto porque qualquer forma de amar vale a pena.

Cada época possui sua modalidade de amor e de relacionamento e o modo como os costumes e hábitos são produzidos na e pela cultura, perpassam décadas e até séculos, acabando por naturalizar o que é uma construção histórica. Também é importante lembrar que os hábitos e costumes atuais não invalidam nem são superiores aos de períodos anteriores e, sim, se constroem, se produzem e se reproduzem de forma processual na cultura.

Por isso, recorremos, para finalizar este trabalho, a um sucesso romântico de Lulu Santos, que vislumbra um novo começo de era, e completa um grande círculo de intenções e projeções futuras de relações entre as pessoas:

Eu vejo a vida melhor no futuro
Eu vejo isso por cima de um muro
De hipocrisia que insiste em nos rodear...
Eu vejo a vida mais clara e farta
Repleta de toda satisfação
Que se tem direito do firmamento ao chão...
Eu quero crer no amor numa boa

²³ Klima apud. Bauman, 2009, p. 172.

Que isso valha pra qualquer pessoa
Que realizar, a força que tem uma paixão...

Eu vejo um novo começo de era
De gente fina elegante e sincera
Com habilidade pra dizer mais sim
Do que não, não, não...
Hoje o tempo voa amor
Escorre pelas mãos
Mesmo sem se sentir
Não há tempo que volte amor
Vamos viver tudo que há pra viver
Vamos nos permitir...

Eu quero crer no amor numa boa
Que isso valha pra qualquer pessoa
Que realizar, a força que tem uma paixão...
Eu vejo um novo começo de era
De gente fina elegante e sincera
Com habilidade pra dizer mais sim
Do que não...
Hoje o tempo voa amor
Escorre pelas mãos
Mesmo sem se sentir
E não há tempo que volte amor
Vamos viver tudo que há prá viver
Vamos nos permitir...

(Lulu Santos, Tempos Modernos)

Este trabalho é mais uma fabricação, leitura e releitura, mais uma nova construção que entre outras já escritas abrem caminho para novas produções, que escrevem e criam outras fábricas sempre que novas pesquisas redirecionarem sua ótica para esta temática. No entanto, não se constitui numa produção fechada, acabada, mas numa reflexão sobre amor, sobre ouvir e pensar música, à espera do estabelecimento de diálogos com outros pesquisadores.

Este é um campo aberto para os estudos culturais, e na área historiográfica, demanda enfrentamentos e reflexões teóricas profundas. Este trabalho pretendeu ser um exercício neste sentido.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Samuel. *O fruto do nosso amor*. In: NESTROVSKI, Arthur. **Lendo música**. 10 ensaios sobre 10 canções. São Paulo: Publifolha, 2007, pp. 163-178..

BAUMAN, Zigmund. “Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos”, Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

BAUMAN, Zigmund. **A arte da vida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. ED. 2009.

BORGES, Gilberto A. A intrínseca relação entre música e mídia. Disponível em <http://www.musicaeducacao.mus.br/artigos>, com acesso em 10 de outubro de 2010.

ECO, Umberto. **Interpretação e Superinterpretação**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

FAOUR, Rodrigo, 1972- História sexual da MPB: A evolução do amor e do sexo na canção brasileira/ Rodrigo Faour. – Rio de Janeiro: Record, 2006.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de Consumo e Pós-Modernismo**. São Paulo: Nobel, 1995.

HAGEMEYER, Rafael R. A música popular no rádio: produto cultural ou comercial? In: **Ciência & Opinião**, Curitiba, v. 1, n. 2/4, jul. 2003/dez. 2004, pp. 52-69.

Hall, Sturt A identidade cultural na pós-modernidade/ Sturt Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-11.ed.-Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARGREAVES, D e outros. Within You Without You, música, aprendizagem e identidade. In: Anais do Primeiro Simpósio de Cognição e Artes Musicais, Curitiba: Deartes- UFPR, 2005.

Lins, Regina Navarro. **A cama na varanda**: arejando nossas idéias a respeito de amor e sexo: novas tendências / Regina Navarro Lins. - Ed. rev. e ampliada. - Rio de Janeiro: BestSeller, 2007.

NAPOLITANO, Marcos. **Historia e Musica**. Belo Horizonte: ED. Autêntica, Belo Horizonte, 2002.

NESTROVSKI, Arthur. **Lendo música**. 10 ensaios sobre 10 canções. São Paulo: Publifolha, 2007.

PENA, Felipe. O amor não discute, vai embora. Disponível em <http://zelmar.blogspot.com/2010/05/o-amor-nao-discute-vai-embora.html>, com acesso em 20 de novembro de 2010.

Discografia:

Já sei namorar: Tribalistas (Marisa Monte, Arnaldo Antunes e Carlinhos Brown) em 2002.

Garota Nacional: Skank, em 1999.

Eu quero é namorar: Amado Batista, em 2003.

Amor e sexo: Rita Lee, em 2004.

Amar é... : Roupas Nova, em 2004.

Rosa: Marisa Monte, em 1991.

Amante à moda antiga: Roberto Carlos, em 1980.